«Os rios que eu encontro vão seguindo comigo.»

João Cabral de Mello Neto

Introdução

A relação entre desporto e literatura surge muito antes do conceito moderno de desporto, que implica o aproveitamento activo dos tempos de ócio criados pela regulamentação e pelas leis do trabalho nas sociedades modernas. O ponto de partida terá sido o reconhecimento raro, e muitas vezes vago, da importância do corpo, algo que vem de tempos tão antigos como o sentimento da vaidade humana e da sedução do outro.

A noção de beleza do corpo correu longos e diversos caminhos e navegou na mudança dos diferentes conceitos estéticos da civilização humana, mas, em cada época da História, o belo não foi apenas factor essencial de influência como até mesmo de poder.

A guerra trouxe ao homem a necessidade de treinar o seu corpo para o tornar mais forte, mais resistente, mais capaz de enfrentar o inimigo. Passou a ser uma questão de vida ou de morte e, na época medieval, a aplicação do tempo na criação de forma e destreza física foi, muitas vezes, referido em romances de cavalaria.

Porém, em Portugal surge com o rei D. Duarte o aconselhamento generalizado para que todos soubessem evitar «as manhas do corpo» cuidando dele, tratando-o «como se fossem suas herdades», para que tivesse valor. Havia, então, na inovadora obra literária do monarca, que viveu no final do século XIV e princípio do século XV, aspectos que podem, de alguma forma, serem considerados como estando na origem de um conceito desportivo da actividade física, algo que sucede, sobretudo, no seu livro incompleto (D. Duarte morreu precocemente vitimado pela peste) *Ensinança de Bem Cavalgar*.

Homem culturalmente avançado para o seu tempo, apesar do pragmatismo com que foi educado pelos mestres escolhidos por sua mãe, a rainha Filipa de Lencastre, D. Duarte, tal como refere, por exemplo, o professor Costa Marques (clássica editora, 1942) terá sido, no seu tempo,

o nosso melhor e mais completo representante literário de uma visão progressista para a época, e inspiradora dos ainda mal anunciados anos da Renascença.

O *Leal Conselheiro* é uma exemplar obra sobre o retrato moral da Idade Média. O livro *Ensinança de Bem Cavalgar* é um exemplo precioso e raro de uma primeira visão futurista, em que o homem precisa de cuidar do corpo e de o exercitar para se tornar não apenas militarmente, mas socialmente proveitoso.

> «…E porem dou conselho aos senhores e a outra gente manceba, a que estas manhas (do corpo) convenham, que consiirem que seus corpos som assi como suas herdades, as quaaes, se nom forem bem aproveitadas e lavradas, daram de sua natureza spinhos e cardos e outras ervas de pouco valor; e, com trabalho e rompimento e aproveitamento dellas, dam taaes fructos, de que principalmente em esta vida a vemos nossa governança.
>
> E nossos corpos, se em tempo de mocidade e mancebia som leixados em ouciosidade, nom se despoendo a boas sciencias ou boas manhas, corporaes, ou mesteres, segundo a cada hũus perteencem – som tornados assi sem proveito que mereciam de seer dados de sesmaria a outros que, como servos, os fezessem servir e fazer algũa cousa proveitosa, segundos seus estados e disposiçom, por nom comerem os mantiimentos de balde…»

Quinhentos anos depois de D. Duarte ter escrito a *Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*, vem Aquilino Ribeiro, exemplo da mais genuína e plural narrativa da literatura portuguesa da primeira metade do século XX, surpreender-nos:

> «Sou desportista tanto quando o pode ser uma pessoa nascida na serra, filho de pessoas remediadas. Em minha casa sempre houve um cavalo, o que equivale a dizer que a equitação é para mim um exercício quase congénito. Com mais ou menos regras, como os *cowboys,* mas num cavalo sem pêlo, fazia coisas do arco-da-velha…»

Aquilino, homem moldado no corpo e na alma pela aspereza das serras beirãs, via o desporto como uma «religião» que «cultiva a beleza do corpo» tal como já o entendiam os gregos para quem os ginásios eram «verdadeiros templos»… Ou como uma actividade benéfica para a saúde «regulada pelo médico, tabelada, assim, digamos, pela filosofia…» Este conceito pré-desportivo de Aquilino, não seria muito diferente da encantadora visão dos benefícios da «ginástica» que nos é oferecida num texto de inultrapassável humor de autoria desse poeta de dimensão universal que foi, e é, Fernando Pessoa:

> «(…) O meu interesse não era o de ser, em qualquer sentido, entendido na matéria, mas o de ver as vantagens que advinham para o país da efectivação do projecto, e também a lembrança de quanto, embora de tão longe de atleta, eu devo à ginástica.
>
> (…) Quando, em 1907, o Prof. Egas Moniz me passou, para fins ginásticos, para as mãos de Luís Furtado Coelho, para ser cadáver só me faltava morrer. Em menos de três meses e três lições por semana, pôs-me Furtado Coelho em tal estado de transformação que, diga-se com modéstia, ainda hoje existo – com que vantagens para a civilização europeia, não me compete a mim dizer.»

O futebol não era ainda, nesses anos das primeiras décadas do século XX, nem uma actividade de aconselhamento clínico para benefícios da saúde dos cidadãos, nem uma religião, quer vista na perspectiva grega, de que falava Aquilino, quer na perspectiva contemporânea do «culto sagrado» do clube como templo das civilizações modernas e dos seus ídolos como novos ícones glorificados. Era, apenas, mais um divertimento social para aqueles que tinham o privilégio do ócio.

Afinal, pouco de verdadeiramente significativo tinha mudado nos conceitos do «treino do corpo», ao longo de quinhentos anos de História. E seria, certamente, muito difícil, nos finais do século XIX, entender os primeiros sinais da profunda revolução social do desporto, que nasce da consagração do ideal olímpico do barão Pierre de Coubertin, que, pela primeira vez na História, junta uma visão desportiva com base no valor da superação humana, a um conceito sociocultural, que virá a ser a fonte do desenvolvimento e da afirmação do desporto, tal como o conhecemos hoje.

No caso concreto do futebol, rapidamente conquista o interesse popular e torna-se, pelo lado menos previsível dos seus criadores, num espectáculo de dimensão universal, capaz de gerar paixões e de despertar sentimentos transversais na sociedade. Ricos e pobres, cultos e incultos. Velhos e novos celebram vitórias e unem-se, solidários, na tristeza das derrotas.

Quando se torna um fenómeno de dimensão global, o futebol desperta, no mundo, admiração e surpresa, sedução e medo. Torna-se tão complexo do ponto de vista da sua relação íntima com as sociedades contemporâneas, que chama a atenção dos investigadores e cientistas menos preconceituosos. Seduz as artes, em especial, a literatura.

É dessa intensa e apaixonante relação, que falaremos neste livro. Não apenas pela curiosidade ou simples prazer de um levantamento errático dessa deslumbrante relação do futebol com os escritores de língua portuguesa, mas como uma ideia identitária que marcou a lusofonia e a luso-literatura, tornando-se, a meu ver, capaz de explicar, mais e melhor, fenómenos de aculturação comuns entre centenas de milhões de pessoas de vários continentes, significativas tolerâncias raciais ou históricas, reconciliações entre povos, que os estados, em diversas épocas, obrigaram a uma exposição de conflito.

O Futebol como Linguagem Humana

Pier Paolo Pasolini, cineasta e poeta italiano, foi sempre, ao longo da sua curta vida, um artista genial e polémico. Um inesgotável criador e, tal como muitos intelectuais italianos, um apaixonado pelo futebol.

Pasolini teve uma visão inovadora do jogo, construindo-lhe, com detalhe e imaginação, uma linguagem estética própria. Cada passe, cada drible, cada remate à baliza formava como que uma palavra na construção de cada frase – o lance, a jogada, o golo. Com essa linguagem própria, além da emoção, o jogo de futebol ganhava, em Pasolini, a sedução de um diálogo sempre a reinventar-se e nunca repetido. Um teatro muito particular, que fascinava o espectador pela estética do movimento em palco e pelo «texto» construído numa linguagem simbólica, cujo código é perfeitamente conhecido e entendido pelo adepto.

O futebol tem pouco mais de um século de existência. Não tem, sequer, uma história que nos obrigue a percorrer as dúvidas próprias dos tempos e das civilizações antigas. É, afinal, um jogo bretão simples, de regras simples, cozinhado em vinhos e farras em tabernas inglesas, que tem a particularidade essencial de ser jogado com os pés, o que obriga a maior destreza do jogador e o torna imprevisível.

À medida que o jogo se foi internacionalizando e se desenvolveu até à mais apurada profissionalização dos dias de hoje, onde intervêm as mais diversas ciências do mundo moderno, o futebol ganhou um estatuto de ampla complexidade que ultrapassa, em muito, o simples conhecimento do jogo, para chegar ao universo inquietante do lado mais obscuro dos comportamentos do homem, quer esteja em plena acção de jogo, quer seja, apenas, seu entusiasmado espectador. Daí que, a partir da segunda metade do século XX, o futebol tenha suscitado natural atenção no meio intelectual, pelo menos na parte que soube resistir ao preconceito de uma peculiar sociedade de conhecimento prosaica e elitista.

Por todo o mundo, o futebol passou a ser analisado como jogo, mas também estudado nas suas relações com o universo da ciência e da cultura. Integrado numa comunidade social, política e económica global, o futebol passou, assim, a ser entendido como um dos mais complexos e fascinantes fenómenos dos séculos XX e XXI. Daí que anime a investigação e o conhecimento nas universidades, que se tenha tornado campo de estudo de filósofos e matemáticos, que se mostre revelador para o mundo da física e da biomecânica, que fascine sociólogos e antropólogos e que tenha inspirado gerações e gerações de escritores.

O futebol tem na alma o mistério dos deuses e, por isso, a sua relação com as artes se tornou tão óbvia e tão íntima.

O Triângulo Lusófono

Quando, em Março de 2013, a Faculdade de Desporto, do Porto, que o professor Jorge Olímpio Bento então dinamizava com um espírito aberto à cultura e à relação estreita com os países de língua portuguesa, me solicitou um texto, a ser incluído num livro de autores diversos e dispersos, que teria como objecto celebrar a importância do desporto na sua íntima ligação histórica, social e cultural entre Portugal e o Brasil, iniciei, com a desprevenida lucidez dos incautos, uma pequena e despretensiosa investigação sobre o futebol na literatura de língua portuguesa.

Fui descobrindo, então, com um misto de surpresa e de curiosidade, como o Brasil, bem mais do que Portugal, mobilizara, desde os finais do século XIX, início do século XX, um conjunto tão rico de pensadores, antropólogos, sociólogos, filósofos, jornalistas, simples pensadores livres, escritores, de que resultaram interessantes textos, alguns mesmo de uma extraordinária riqueza literária, pelos quais se pode conhecer, acompanhar e desenvolver o pensamento brasileiro sobre o jogo bretão que conquistaria o Brasil e o mundo.

Arrisco mesmo afirmar que a literatura brasileira do futebol consagrou um estilo e uma estética inimitáveis, capazes de unir o essencial da alma do povo, no que respeita ao humor, à arte da sedução, a uma certa criatividade festiva da palavra, à expressão maior de um discurso imaginativo, feito de uma espécie de cinismo leve e lânguido, que não fere, antes nos estimula pelo verbo, nos refresca pela imaginação e nos apaixona pela novidade.

Em Portugal, até ao último quarto do século XX, só muito raramente se seguiu esse caminho. Teve pouca expressão o movimento de escritores nacionais capazes de escreverem sobre futebol nessa mesma perspectiva particular e única que encontramos no Brasil com autores como Nelson Rodrigues, Mário Filho, Armando Nogueira, João Saldanha ou, mais recentemente, Fernando Veríssimo, Ruben Fonseca, Sérgio Rodrigues ou o actualíssimo Xico Sá.

Há, evidentemente, em Portugal muitos escritores que amam o futebol e escrevem sobre futebol, mas não são, propriamente, o que poderíamos designar por escritores de futebol. Esses são excepcionais no universo literário português. Curiosamente, os bons, mas escassos, exemplos que encontramos são, tal como no Brasil, nascidos e criados na área do jornalismo.

Dinis Machado, Assis Pacheco, Mário Zambujal e Carlos Pinhão serão os que mais se aproximaram desse género brasileiro, leve e irreverente, de uma certa maneira lúdica de escrever sobre o futebol, não o desprezando como entidade social menor, nem o glorificando na dimensão do sagrado. Mesmo quando se aventuraram em áreas mais vastas da escrita, apesar das reconhecidas diferenças de dimensão literária, todos eles nos trouxeram uma revigorante frescura do estilo e uma indomável criatividade de pensamento, que sempre usaram nos seus textos desportivos.

Memórias de Um Craque, de Assis Pacheco, será um dos casos mais exemplares e mais próximo da estrutura literária dos autores brasileiros. Lembremos um pouco da prosa deliciada e deliciosa desse memorável escritor de jornais:

> «O Eusébio marca livres de trinta metros, o Artur Jorge chuta em moinho, o Dinis faz fintas à bandeirola de canto, MAS EU FUI O MAIOR CRAQUE DA RUA GUERRA JUNQUEIRO E ESTÁ PARA NASCER UM SUCESSOR DIGNO DESSE TÍTULO…»

Assim começa esse livro de leitura compulsiva, que o grande poeta e, também ele, jornalista Manuel António Pina posfaciou, alertando-nos para uma evidência que estranhamente nos surpreende de tão límpida: é que Assis Pacheco é dos raros escritores universais que nos faz ouvir a sua voz física, quando o lemos.

Não por acaso, Assis Pacheco tinha uma relação forte com *A Bola* e com Carlos Pinhão. Numa entrevista que concedeu à extinta *Bola Magazine*, contava, com gozo pessoal e dos leitores:

> «Costumo ir à Tapadinha ver jogar o Atlético, encontro o Chico Calado, falamos mal dos treinadores e do preço do bife, na segunda parte já estou um bocado esquecido do desafio – a não ser que o

> Vinha ameace driblar até à bandeirola de canto – e ponho-me a contar os aviões que baixam para o lado do aeroporto. Tirando isso, li o Durkheim, não sou completamente analfabeto.»

Havia, óbvio, o remoque à intelectualidade nacional que achava o apreciador do jogo da bola um inculto. Porém, nem Assis, nem os que o acompanhavam na gloriosa leveza da literatura do futebol abdicavam de a escrever como falavam, como sentiam, como imaginavam os cantos da vida, fossem eles mais angulosos ou mais redondos.

À entrevista, toda ela bem-humorada, juntou-se um texto apropriado ao qual o escritor e jornalista chamou sem requintes de eruditismo: «O dia em que me chamaram Papagaio».

E dizia assim:

> «O grande sacana que um dia no campo do Colégio Camões me chamou *Papagaio* por eu ter driblado o guarda-redes e feito 1-0 para os dos Olivais com um toque seco por entre as pernas do defesa adversário percebeu logo que à segunda vez que me tratasse mal eu faria 2-0 sem a mínima piedade…»

Era um texto delirante no auto-elogio da *performance* desportiva, que nos obrigava a um sorriso em cada parágrafo. Assis escrevia:

> «Não é para me gabar, mas o goleador do Onze à Hora era eu – com os dois pés, a cabeça, o peito, sei lá com o que mais, dependia do lado e do ângulo balístico de onde o infatigável Lameiro entendia municiar-me. Coitado, já lá está.»

Londres sem Tamisa, ou *O Meu Barbeiro*, de Carlos Pinhão, serão também exemplos, nada irrelevantes, de uma escassa, mas convidativa literatura desportiva portuguesa. O mesmo sucedeu com o livro de crónicas *Outra Maneira de Contar Desporto*, de Homero Serpa. Pequenas obras, às vezes discretas e ingénuas, lançadas num quase pudor de um palco ao lusco-fusco da literatura maior, e, por isso, nunca aceites como género ou como simples discurso literário sobre o futebol, mas que se afirmam como pioneiras e significativas.

Pinhão era um «futebolista» das palavras. Fintava com elas e ia, com elas, até ao êxtase do golo. Via o futebol longe da ideia científica de alguns iluminados que por aí andam, juntam a álgebra com a geometria e inventam um novo jogo de bola feito a régua, esquadro e cálculos matemáticos, que, de tão enfadonho, de tão presumidamente científico, será tudo menos futebol.

Um dia, bem me recordo, Carlos Pinhão foi a Guimarães fazer uma crónica do Vitória com o Sporting. Chovia a potes, o campo ficou encharcado e a bola, em vez de rolar, flutuava. O jornalista deixou-se invadir por uma irrecusável inspiração literária e escreveu, para *A Bola*, uma das crónicas mais alucinantes e improváveis. Pinhão descrevia cada lance, como se o jogo fosse de polo aquático, tornando-o, assim, mais visual e significativo no tradicional mergulho dos guarda-redes, nas correrias em braçadas, ou nas impetuosas «correntes do jogo».

Era um tempo em que os jornais tinham leitores com tempo para ler e não, apenas, com tempo para olhar. O crescimento do jornalismo desportivo em Portugal beneficiou muito dessa relação íntima e prazenteira entre o jornalista, que além do conhecimento do que era um *off-side* ou um *penalty* cultivava um estilo e se orgulhava da aproximação à literatura e aos leitores, que, deliciados, se demoravam pelas enormes e densas páginas dos jornais, à descoberta de textos de surpreendente qualidade num jornal desportivo.

Mário Zambujal fora companheiro de Carlos Pinhão no jornal *A Bola*. Uma alma desinquieta de tribo nómada, também ele aprimorado na escrita das redacções dos jornais, e que se aproxima muito, no estilo e na estética, da prosa brasileira característica do escritor de futebol.

O enorme sucesso da sua *Crónica dos Bons Malandros* deve-se, em grande parte, a esse género popular de literatura, onde se reconhece uma sedutora leveza, que nunca se confunde com ligeireza, e a imaginativa criatividade da crónica jornalística, que os cronistas e contistas do futebol no Brasil tão bem sabem usar.

Zambujal foi, durante muitos anos, jornalista desportivo e durante esse tempo soube ganhar, no estilo, esse gingar dos futebolistas hábeis e menos previsíveis. Depois, a sua relação informal com a vida dar-lhe-ia a sedutora criatividade de uma escrita gulosa e versátil, nem sempre devidamente valorizada, pelos nossos medidores da arte literária.

Apesar destes relevantes exemplos portugueses, a verdade é que, ainda mais do que em Portugal, os escritores brasileiros, particularmente poetas,

encontraram transbordante inspiração no futebol e nos seus ídolos, que, aliás, souberam usar, em algumas das suas obras, com orgulho e sem preconceitos. Resultará daí a ideia de que, em comparação com os brasileiros, os escritores portugueses se interessam menos por futebol e se apaixonam menos pelo jogo. Não é verdade. O que existirá, em Portugal, é um sentimento de pudor, por parte de alguns torturados escritores, que sempre resistiram a assumir, de forma pública e notória, o seu amor a uma criação humana, menor na aparência, demasiado íntima de sentimentos básicos e, supostamente, sem dimensão que justifique densidade reflexiva. Por isso, alguns a si próprios se contrariam, vivendo o futebol como uma espécie de paixão secreta e inconfessável, que mantêm no anonimato para desse pecado não terem, alguma vez, de prestar contas públicas.

A meio caminho entre o pudor português e a exuberância brasileira, os mais antigos escritores africanos de língua portuguesa olham o futebol como uma antiga paixão juvenil nunca esquecida e que, por isso, ainda os perturba. Sentem-se, muitas vezes, divididos entre o manto da nostalgia de um passado de estudante no país colonizador e a suave revelação desse milagre da bola na alegria das crianças dos musseques da grande e desordenada cidade africana.

A verdade é que a força popular do futebol, a sua relação intensa com a infância, a sonhadora construção do herói do povo, nascido pobre e por isso igual, a sedução da estética e da destreza natural do puto do futebol de pé descalço, o direito ao reconhecimento do sucesso, apesar das vidas tantas vezes derrotadas, tudo isso e muito mais que se sente, por igual, no fundo da alma do rico e do pobre, do novo e do velho, do instruído e do analfabeto, demonstram que a penetração do futebol (português e brasileiro) nas sociedades urbanas dos países africanos de língua portuguesa não apenas ajudou a criar fortes laços de identidade entre espaços geográfica e culturalmente tão diversos e distantes, como contribuiu para uma marca decisiva no relacionamento histórico e, por isso, também social e político entre os povos dos países lusófonos.

Atrevo-me a ir mais longe. Penso que o futebol, como fenómeno que se tornou fortemente aglutinador na relação cultural e social entre os povos de língua portuguesa foi decisivo no modo, a um tempo espontâneo e firme, como se sararam tão rapidamente as mais profundas feridas geradas pelos conflitos inevitáveis a um colonialismo que raramente compreendeu o seu tempo histórico.

A verdade é que os povos lusófonos, antes mesmo dos seus representantes políticos, souberam reconhecer-se no direito à diferença, sim, mas também no direito a sentirem-se portadores de uma cultura e de uma identidade comuns, que os liga perante a História e os une perante o mundo. A tudo isso, o futebol não é alheio. Aliás, o futebol, sobretudo nas suas expressões internacionalmente vencedoras, deu consistência e sentimento de valor a essa identidade comum.

Pode, assim, falar-se de um imenso triângulo intercontinental, capaz de juntar a Europa, África e América, cujos vértices são unidos pela língua portuguesa e por essa identidade cultural em que o futebol não apenas toma parte, mas se torna essencial em muitas das suas linhas de definição. Para desespero de alguns «bolofóbicos», a verdade é que o futebol marca, a traço firme, essa relação fraterna, histórica e cultural entre os povos lusófonos.

Sejamos mais ousados: talvez que o exercício, tão natural no futebol português e brasileiro, do mais aberto e descomplexado elogio à qualidade técnica e estética, tão natural ao futebolista negro, possa ter contribuído para construirmos uma das mais sólidas expressões da cultura anticolonialista e, mais do que isso, de uma cultura anti-racista que se exprime, em Portugal e no Brasil, por uma cultura de tolerância e de coexistência multirracial, que eu diria, até, independente das vontades estratégicas e de burocráticos compromissos políticos.

Fernando Pessoa chamou Pátria a essa nossa língua, que é a nossa mais viva expressão do ser, muito para lá da expressão do dizer. Ora, foi, precisamente, nesse tão particular modo de assim sermos, numa dimensão de alma que só a grandeza do mar parece conseguir espelhar, que cresceu um jogo complexo de tão simples, um jogo que o Brasil nos ensinou a tecer com a arte e com os fios da mais pura seda e que o africano soube moldar à razão maior de ser da sua personalidade livre e imaginativa.

Tornou-se, esse jogo, um traço que, a todos, nos une e nos explica. Uma seiva que nos alimenta o espírito e nos agrega numa muito especial celebração de união nas diferenças.

É, pois, natural que o futebol tenha inspirado poetas e prosadores em cada um dos países que falam e se entendem na língua portuguesa. E em cada país, à sua maneira. E em cada país, crescendo nas suas razões e raízes históricas, erguendo-se nas suas fundações sociológicas, consolidando-se no fundo mais fundo do sentimento popular.

É por isso que me parece essencial que as universidades, a quem mais do que repetir saberes devia gerar novos conhecimentos e despertar a vontade de novos pensamentos, entendam que o futebol é muito mais do que um jogo, porque cresceu para além dos estádios, invadiu cidades, conquistou países, tornou-se um fenómeno global que precisa de ser estudado e investigado à luz do conhecimento científico, para melhor o percebermos, sim, mas, essencialmente, para melhor sabermos quem somos.

O Futebol na Alma do Povo Português e Brasileiro

Portugal e Brasil. Não conheço, no mundo, outros países onde o futebol faça parte, tão vincadamente, da cultura popular. Talvez mais do que isso: faça tão exuberantemente parte da alma do povo.

Podemos dizer, com alguma razão de ser, que também na música se traçam e vincam as linhas do rosto de cada povo. Daí que o fado seja tão evidentemente a face triste de um Portugal que sonha o futuro no passado; daí que o samba seja tão obviamente a face alegre de um Brasil tão novo, tão pujante, tão genuinamente feliz, apesar de todas as vicissitudes da História.

Sim, a música e o futebol serão, em Portugal e no Brasil, a melhor maneira de conhecer o que verdadeiramente são esses dois irmãos às vezes ausentes e distantes, mas que afectuosamente sempre se souberam encontrar num abraço feito de açúcar e canela.

Um dia, *sir* Bobby Robson, velha raposa inglesa que tanto ajudou a crescer o futebol português nas suas passagens pelo Sporting e pelo Futebol Clube do Porto, dizia-me da sua nunca refeita surpresa de conhecer, em Portugal, um povo para quem o futebol era tudo o que estava para além e aquém da rotina da vida. Por isso, mais do que um jogo, um lugar onde se estende o estado de espírito da nação, como se fosse uma toalha de piquenique.

«Em Inglaterra», dizia-me Robson, «as pessoas fazem escolhas. Têm o teatro, os concertos e o cinema. E têm o desporto, onde escolhem entre o futebol, o râguebi, o críquete, as corridas de cavalos. Aqui, em Portugal, o povo português tem o futebol a correr-lhe nas veias. É como se não pudesse viver sem ele.» É também assim no Brasil. O futebol faz parte da identidade nacional e daí que sempre estivessem enganados aqueles que no período negro das ditaduras dos dois países entenderam o futebol como uma ameaça à lucidez popular, considerando-o perigosamente entorpecedor e alienante. Não entendiam que o futebol, em Portugal e no Brasil, não era tanto uma religião que se segue por tradição e crença, mas

antes um afluente natural desse rio da vida severina de que nos falava o grande João Cabral de Mello Neto.

É, pois, assaz curioso que a literatura portuguesa e brasileira tenha tido, ao longo do último século, uma curiosa cumplicidade com a música e com o futebol. Não por acaso, mas por um evidente despertar de alma dos nossos grandes poetas e prosadores. É raro encontrar, entre os maiores, quem tenha mal dito do futebol e do desporto. Ou que o tenha ignorado, como naturalmente fariam se tão superficial e pouco importante o achassem.

Não pretenderá este livro ser objecto de um estudo profundo sobre esta relação já secular entre o futebol e a literatura na língua portuguesa. Desejo apenas que, para o leitor, ele se torne num passeio por essas margens apetecíveis de uma literatura que se inspira na relação mais íntima com o futebol. Daí, admitir que este livro nunca tenha sido pensado como uma promessa de antologia da literatura do futebol, mas, sim, como uma narrativa da cumplicidade amorosa entre grandes vultos da literatura de língua portuguesa e o desporto, em especial o futebol, entendido, não como uma mera actividade lúdica, mas como algo que se tornou manifestamente importante na vida dos povos que, nestas terras unidas pelo Atlântico, pensa e se entende em português.

Não deixará de ser surpreendente, porém, que um dos homens que melhor tenha entendido a dimensão desta forte cumplicidade não seja nem brasileiro, nem português, nem africano. O seu nome é, aliás, ainda pouco conhecido da maioria dos portugueses: Alex Bellos.

Jornalista de nacionalidade inglesa, Bellos era ainda um jovem quando decidiu rumar, por puro espírito de aventura, ao Rio de Janeiro, acabando aí por se tornar correspondente efectivo do *Guardian* e do *Observer*. Impressionado pela maneira como os brasileiros vivem o futebol escreveu um livro, que se tornaria uma verdadeira revelação, chamado *Futebol – o Brasil em Campo* (Jorge Zahard, ed., 2003).

«Que pode um inglês dizer a um brasileiro sobre futebol, que ele já não saiba?», interrogava-se Bellos, num desafio a si próprio e ao qual acabaria por responder com uma obra que se tornaria indispensável na literatura desportiva brasileira e universal.

O livro, como alguém disse, não era apenas um documento sobre futebol, mas um documento sobre o estilo brasileiro de viver, algo que um forasteiro melhor conseguia notar sentindo-lhe a diferença e a surpresa. Escreveu Bellos:

> «O futebol chegou ao Brasil em 1894. O violento esporte bretão saiu-se inesperadamente bem. Em algumas décadas seria o símbolo mais forte da identidade brasileira... inventaram um estilo exuberante e requintado que estabeleceu um padrão inatingível para o resto do mundo. Os britânicos o chamam de *beautiful game*. Os brasileiros de futebol-arte. Qualquer que seja o termo escolhido, nada no esporte internacional tem o mesmo apelo.»

Ter sido espectador ocasional de um jogo da selecção do Brasil, no velho Maracanã, foi determinante para uma opção radical do, então, jovem jornalista inglês: Ele decidiu ficar a viver no Rio, fascinado pela intensidade e alegria de vida do povo brasileiro, capaz de provocar o que ele então chamou de «tempestade eléctrica» num estádio de futebol.

Bellos sentia que precisava de tempo para perceber o que mais o fascinava: como tinha sido possível que um jogo levado para o Brasil há menos de um século pudesse modelar, de forma tão impressiva, a alma de um povo e o destino de uma imensa nação.

Este era, porém, um fascínio que já tinha provocado a curiosidade e o estudo de alguns brasileiros atentos à extraordinária força do fenómeno do futebol no seu país. Entre esses, um, essencial: Mário Filho, o jornalista que viria dar o nome ao Maracanã, é considerado o pioneiro da literatura brasileira sobre futebol. Ele escreveu uma obra fundamental e universalmente conhecida, *O Negro no Futebol Brasileiro*.

Vários foram os sociólogos que analisaram e comentaram o livro de Mário Filho, um dos primeiros jornalistas do Brasil a ver e entender o lado tão complexamente humano do jogo, que já então empolgava milhões de brasileiros. Mário nascera no Recife, em 1908, mas foi com oito anos de idade para o Rio de Janeiro. Aí cresceu e se ligou ao mundo dos jornais e do futebol, acabando por comprar o *Jornal dos Sports*, onde se manteve até à sua morte, provocada por um ataque cardíaco, em 1966. Tinha, apenas, 58 anos de idade.

Muitos sociólogos brasileiros partiram do surpreendente livro de Mário Filho para uma discussão académica entre os que admitiam que o futebol teria sido fortemente mobilizador na diluição do racismo na sociedade brasileira e, por isso, essencial à criação de um país social e culturalmente multirracial. A questão colocou-se, aliás, com maior intensidade depois

de 1958, quando o Brasil foi, pela primeira vez, campeão do mundo e surgiu, em pleno, o fenómeno Pelé, um jovem negro que se tornaria «herói do povo brasileiro», apenas com 17 anos de idade.

Curiosamente, a mesma questão foi colocada em Portugal, depois do Mundial de 1966, em Inglaterra, quando surgiu, numa dimensão mais universal, o fenómeno Eusébio.

Até nisso os dois países foram inseparáveis irmãos. Com Pelé e com Eusébio, Brasil e Portugal ter-se-ão, de facto, tornado menos permeáveis ao racismo e terão garantido uma identidade mais aberta, mais tolerante, mais plural.

Se me baseio em dados científicos e irrefutáveis para o afirmar? Não. Admito que a afirmação seja subjectiva, mas tem o valor da observação atenta e, como diriam os sábios, a mesma natureza efémera de qualquer verdade, incluindo a verdade científica.